



## MINHA CULPA, MINHA TÃO GRANDE CULPA: PROCESSOS DE EXCLUSÃO PELA MATEMÁTICA

*Ricardo Gomes Assunção  
Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí  
ricardo.assuncao@ifgoiano.edu.br  
orcid.org/0000-0002-6539-945X*

*Marcio Antônio da Silva  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
marcio.ufms@gmail.com  
orcid.org/0000-0002-5061-8453*

### **Resumo:**

Neste trabalho apresentamos um recorte da pesquisa de doutorado que tem lugar no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEduMat) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), e está sendo realizada desde 2018 pelo primeiro autor, sob a orientação do segundo autor. O objetivo da pesquisa é entender como alunos e alunas do Ensino Médio e do Ensino Superior de um Campus do Instituto Federal Goiano se constituem enquanto sujeito-aluno excluído pela matemática. O material de análise é composto por textualizações de entrevistas com estudantes do Ensino Técnico integrado ao Ensino Médio que cursam a dependência na disciplina de matemática e com estudantes evadidos do curso de Licenciatura em Matemática, ambos da referida instituição de ensino. Inspirados nas teorizações do filósofo Michel Foucault, foi realizada uma análise discursiva do material produzido, com fins de destacar enunciados sobre o que foi dito pelos estudantes, na direção de nossos objetivos. O enunciado que apresentaremos é: ‘se eu tivesse me esforçado mais, eu conseguiria’, onde os estudantes se auto culpabilizam pelo seu processo de exclusão, embora, como veremos, esse enunciado é atravessado por outros campos discursivos, como o neoliberal e o religioso.

**Palavras-chave:** Cristianismo; Discurso; Exclusão; Matemática; Neoliberalismo.

### **1. Considerações iniciais**

O enunciado que vamos apresentar neste trabalho é um dos resultados da pesquisa de doutorado em andamento, que tem por objetivo entender como alunos e alunas do Ensino Médio e Superior se constituem como sujeito-excluído pelo currículo de matemática. A pesquisa, que está em desenvolvimento desde 2018, tem lugar no PPGEduMat da UFMS e tem como orientador o segundo autor, que é líder do Grupo de Pesquisa Currículo e Educação Matemática (GPCEM), cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e certificado pela UFMS.

O *corpus* de pesquisa é composto por textualizações de entrevistas narrativas realizadas com alunas e alunos do Ensino Técnico integrado ao Ensino Médio que cursaram a

dependência<sup>1</sup> na disciplina de matemática, e com alunos e alunas evadidas<sup>2</sup> do curso de Licenciatura em Matemática, ambos os cursos do Instituto Federal Goiano – *Campus Urutaí*<sup>3</sup>, e que, para nós, sofreram uma exclusão pelo currículo de matemática.

A partir do que foi dito por esses estudantes, fizemos uma análise discursiva de inspiração foucaultiana<sup>4</sup>, onde destacamos enunciados que nos possibilitou identificar os discursos que constituem esses alunos e alunas entrevistados como sujeito-excluído pelos processos de exclusão pela matemática que foram considerados nessa pesquisa. Neste trabalho, vamos apresentar um dos enunciados que destacamos: ‘se eu tivesse me esforçado mais, eu conseguiria’, onde os estudantes se culpabilizam pela própria exclusão a qual foram submetidos no Ensino Médio ou no curso de Licenciatura em Matemática. A seguir, faremos uma discussão detalhada desse enunciado, cuja existência se correlaciona com os campos discursivos *religioso* e do *neoliberalismo*, embora, antes, precisamos entender melhor como operamos a análise do discurso de inspiração foucaultiana.

## 2. Abordagem teórico-metodológica

A análise do discurso questiona a análise estruturalista da linguística, uma vez que o discurso não fica restrito ao sistema linguístico, e por considerar que a atribuição dos sentidos não é fixa e depende dos sujeitos e do contexto sócio-histórico-cultural. Estamos acostumados a tratar o discurso como a leitura de textos importantes, pronunciados em ocasiões especiais e por autoridades. Não se trata disso, “o discurso é constituído por um conjunto de signos, enquanto enunciados, isto é, enquanto lhes podemos atribuir modalidades particulares de existência” (FOUCAULT, 2017, p. 131).

Dessa forma, fazer uma análise discursiva implica destacar enunciados, que é a parte mais importante do discurso. Segundo Veiga-Neto (2017, p. 94), o enunciado “não é nem uma proposição, nem um ato de fala, nem uma manifestação psicológica de alguma entidade que se

---

<sup>1</sup> Por dependência, estamos nos referindo aos estudantes que reprovaram na disciplina e a cursam novamente no ano seguinte, em paralelo com a série para o qual foi aprovado no ano anterior.

<sup>2</sup> Por alunas e alunos evadidos, estamos considerando aqueles que não concluíram o curso, independente dos motivos, seja por troca de curso ou instituição, desistência, desligamento do curso, dentre outros.

<sup>3</sup> Urutaí é um município do interior de Goiás, que dista 169 km da capital Goiânia. De acordo com o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população estimada em 2020 foi de 3.066 habitantes. Essa instituição de ensino, que nesse trabalho vamos nos referir de *Campus Urutaí*, está em funcionamento no município desde 1953, com outras denominações e finalidades ao longo do tempo. Para saber mais sobre sua história, sugerimos a leitura de Issa (2018).

<sup>4</sup> Relativa ao filósofo Michel Foucault.

situasse abaixo ou mais por dentro daquele que fala”. Isso significa que a análise do discurso se afasta de uma análise de conteúdos, ou trata-se de uma análise interpretativa ou descritiva. Para isso, “é preciso ficar (ou tentar ficar) simplesmente no nível de existência das palavras, das coisas ditas”. (FISCHER, 2021, p. 198). Outra característica importante é que, ao analisarmos discursos, acontece um esvaziamento do sujeito, no sentido de que ele não diz aquilo que pensa, mas aquilo é possível enunciar numa determinada época e num determinado espaço, dentro de determinadas regras explícitas ou implícitas. Desse modo, analisar o discurso também é analisar como os sujeitos se constituem e como as verdades são instituídas em determinado tempo e espaço.

Na busca pelos enunciados, é necessário “abrir as palavras, as frases, as proposições [...]. É preciso extrair das palavras e da língua os enunciados correspondentes a cada estrato e a seus limiares” (DELEUZE, 2005, p. 62). Isso acontece porque, segundo Foucault (2017, p. 133), “o enunciado é, ao mesmo tempo, não visível e não oculto”. Logo, ao pesquisador, “é necessária uma certa conversão do olhar e da atitude para poder reconhecê-lo e considerá-lo em si mesmo” (id., p. 135).

Segundo Deleuze (2005), é necessário percebermos regularidades enunciativas e nos diz que o enunciado seria uma curva que perpassa as enunciações de mesma natureza que se encontram dispersas na materialidade específica a ser analisada.

O que conta é a regularidade do enunciado: não é uma média, mas uma curva. O enunciado, com efeito, não se confunde com a emissão de singularidades que ele supõe, mas com o comportamento da curva que passa na vizinhança delas, mais geralmente com as regras do campo em que elas se distribuem e se reproduzem. É isso que é uma regularidade enunciativa (ID., p. 16)

A título de comparação (por conta de nossa área de atuação), percebemos essa curva como sendo uma linha de tendência aproximada por uma série de dados estatísticos, tendo como eixos coordenados, o tempo e o espaço, exatamente para demarcar a temporalidade do enunciado, que pode sofrer variação em outros momentos históricos. Dessa forma o enunciado é pensado como uma função enunciativa, cuja existência é determinada por quatro “variáveis”, que são, de acordo com Fischer (2001, p. 202):

um referente (ou seja, um princípio de diferenciação), um sujeito (no sentido de “posição” a ser ocupada), um campo associado (isto é, coexistir com outros enunciados) e uma materialidade específica - por tratar de coisas efetivamente ditas,

escritas, gravadas em algum tipo de material, passíveis de repetição ou reprodução, ativadas através de técnicas, práticas e relações sociais.

Neste trabalho, o enunciado que destacamos – ‘se eu tivesse me esforçado mais, eu conseguiria’ - tem como referente os processos de exclusão pela matemática (no caso, a dependência na disciplina de matemática do Ensino Técnico integrado ao Ensino Médio e a evasão no curso e Licenciatura em Matemática do *Campus* Urutaí); o sujeito são os alunos e alunas que foram entrevistados (aqui pensado como a posição sujeito-aluno que sofreu um processo de exclusão pela matemática e não a aluna Circunferência, ou o aluno Hexaedro<sup>5</sup>, etc); a materialidade específica é composta pelas textualizações que compõem *corpus* da pesquisa e o campo associado é o que será apresentado na próxima seção: o discurso neoliberal e o religioso.

Antes de partimos para descrição desses discursos associados, é importante ressaltar que esse enunciado foi construído mediante a leitura atenta das textualizações, onde nos chamou a atenção pela regularidade enunciativa das alunas e alunos que concederam as entrevistas para a produção do *corpus* dessa pesquisa (foi o que converteu nosso olhar).

### 3. Enunciado: ‘Se eu Tivesse me Esforçado Mais, eu Conseguiria’

*[...] o negócio foi o seguinte, no primeiro bimestre eu tirei uma nota até razoável, no segundo também e no terceiro e no quarto eu dei uma bobeadada, porque quando eu já vi que já tinha passado, só não tinha passado em matemática, eu peguei e dei uma descuidada, e aí foi onde eu fiquei, não estudei para prova e dei a bobeira de ter ficado de dependência. Eu tinha que ter estudado mais. (Hexaedro, aluno do Ensino Médio)<sup>6</sup>*

*É isso, professor, eu acho que o tempo de estudar era muito pouco, eu acho também que é a falta de vontade [...]* (Losango, aluno do Ensino Médio)

*Na verdade, eu tinha desistido no começo do semestre, eu tinha feito 3 anos e quando fez 2 anos eu falei, ‘olha, eu não estou dando conta’, algumas matérias estavam pegando muito, essa falta de tempo de estudar, porque algumas matérias mais era por falta de estudar, de se dedicar, de ter um tempo para sentar e se dedicar [...]* (Ponto, aluno evadido da licenciatura)

*[...] sempre tive facilidade com matemática. Na verdade, com todas as matérias até o meu segundo ano do Ensino Médio, eu sempre fui um aluno com notas exemplares, agora que no final que deu uma caída, mas eu acho que foi por falta mesmo de atenção e dedicação. (Plano, aluno evadido da licenciatura)*

<sup>5</sup> Para manter o anonimato dos alunos e alunas, eles foram nomeados por figuras geométricas.

<sup>6</sup> As enunciações dos alunos serão apresentadas em itálico, para diferenciar das citações ao longo do texto.

*[...] foi frustrante para mim, porque era um sonho, apesar de que eu sabia que se eu pudesse me esforçar, se eu pudesse ficar só por conta de dedicar, eu daria conta, entendeu [...]* (Circunferência, aluna evadida da licenciatura)

*Eu fiz até onde eu consegui, até onde eu dei conta de fazer, confesso que, assim, para mim foi muito terrível ter que escolher entre um e entre outro, entre a vida pessoal e a vida, ou melhor, e o meu sonho [...]* (Área, aluna evadida da licenciatura)

*Gosto muito do curso, foi para mim uma experiência muito boa, apesar de não ter conseguido conciliar porque eu não podia ficar sem trabalhar e o curso de Matemática é um curso que demanda muito tempo, é um curso que você precisa de tempo para estudar, para se dedicar, para pesquisar e foi isso um dos motivos que eu não consegui conciliar essa rotina de serviço, viagem, dificuldades financeiras e o sonho de formar.* (Tangente, aluna evadida da licenciatura)

Se eu tivesse me esforçado mais, eu conseguiria a aprovação na disciplina de matemática e não teria ficado de dependência. Se eu tivesse me esforçado mais, eu conseguiria formar, concluir o curso de Licenciatura em Matemática. Há uma regularidade do movimento de culpabilização que aparece nas enunciações desses alunos e alunas

Essa culpabilização é pensada como construção discursiva pelos alunos e alunas, que gera subjetividades e os constitui como sujeitos-alunos-responsáveis pelo fracasso na disciplina de matemática ou no curso de Licenciatura em Matemática. Não foram todos os alunos e alunas que enunciaram dessa forma, mas foi uma regularidade enunciativa que nos chamou a atenção, que converteu nosso olhar no momento de análise das textualizações.

O interessante é pensar como esse enunciado – ‘se eu tivesse me esforçado mais, eu conseguiria’ - se associa a outros enunciados de mesma natureza, e que compõem outras formações discursivas. E essa análise faz-se necessária, uma vez que, como vimos na seção anterior, descrever o campo discursivo associado é um dos elementos básicos para a existência do enunciado. No caso desse enunciado, percebemos associação com o campo discursivo do neoliberalismo e com o campo discursivo religioso.

Começamos falando do discurso neoliberal, que coloca o indivíduo numa lógica de mercado, onde opera a concorrência e, conseqüentemente, o indivíduo é o responsável pelo seu sucesso ou fracasso, pois depende das escolhas e do esforço que faz nesse jogo concorrencial. Isso pode causar algum tipo de espanto, uma vez que a maioria das pessoas entende o neoliberalismo apenas ligado ao caráter econômico e político de uma sociedade, mas não é apenas isso. Segundo Brown (2019b, p. 20),

o neoliberalismo é comumente compreendido como um conjunto de políticas econômicas que promove ações sem restrições, fluxos e acumulações de capital por meio de tarifas baixas e impostos, desregulamentação das indústrias, privatização de bens e serviços previamente públicos, desmonte do Estado de bem-estar social e a destruição do trabalhismo organizado. Foucault e outros nos ensinaram também a compreender o neoliberalismo como uma racionalidade governamental que gera tipos distintos de sujeitos, de formas de conduta e de ordens de sentido e valor social.

A forma de condução da conduta é pautada na competição entre os indivíduos, ou no princípio da concorrência. “O neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 17), e “longe de ser normativo [...], o espaço neoliberal é sobreinvestido por técnicas comportamentais cada vez mais refinadas que afetam toda a vida, até o mais íntimo do indivíduo” (LAVAL, 2020, p. 76).

Visando manter a concorrência, o Estado passa a ter um papel regulador que vai garantir a liberdade individual e a livre e justa competição entre empresas e indivíduos, passando a oferecer poucos serviços públicos e sem nenhuma preocupação com o assistencialismo social. Além disso, o serviço público ofertado deve ter um padrão de qualidade, uma vez que o próprio Estado entra nessa lógica de mercado, colocando seus serviços nesse espaço concorrencial com as empresas privadas. Quer dizer, o Estado deve regular para garantir a concorrência, mas também é regulado por ela, uma vez que “a racionalidade neoliberal tem como característica principal a generalização da concorrência” (id., p. 17) e busca por uma “sociedade, ao mesmo tempo, como um conjunto de empresas e como uma sociedade empresarial” (SAMPAIO, 2019, p. 83).

Quanto ao indivíduo, cabe a ele ser uma pessoa bem-sucedida nesse jogo concorrencial, afinal de contas é uma pessoa livre e responsável pelas suas ações. Assim como a sociedade deve ter um perfil empresarial, o indivíduo também deve ser um empresário de si, agindo como uma empresa. Segundo Dardot e Laval (2016, p.238), o indivíduo “deve maximizar seus resultados, expondo-se aos riscos e assumindo a inteira responsabilidade por eventuais fracassos”. Dessa maneira, são as escolhas e os esforços individuais que irão definir se o indivíduo terá sucesso ou não na sua vida. Por isso, caso ele não tenha nenhum talento nato, ele deve investir em si mesmo, incrementar seu capital humano, conceito criado pelo economista estadunidense Gary Becker. “Esse conceito implica uma relação a si mesmo marcada pela exigência de autoavaliação constante, mediada pela lógica da mercadoria (FRANCO et al, 2012, p. 48).

Por isso que as pessoas devem buscar uma formação, se interessar pela arte, ler, viajar, estudar outros idiomas, conhecer outros lugares e outras culturas. Além disso, ela também deve praticar algum esporte, cuidar da saúde do seu corpo e da sua mente. Também deve conseguir um bom emprego pelos seus méritos e trabalhar com espírito empreendedor. E não podemos esquecer de que é sua a responsabilidade o equilíbrio de sua vida financeira, devendo observar a prevenção e a seguridade. Também deve constituir família, cuidar dessa família, ser uma pessoa bem relacionada e prezar por valores e costumes que o torne um cidadão de bem. Outra coisa, deve agir sempre com resiliência diante dos imprevistos da vida (que não dependem dele) e buscar sempre a felicidade<sup>7</sup>. Tudo isso é um investimento em si, um aumento ou uma valorização do seu capital humano.

Caso ele não consiga um emprego, tenha algum tipo de doença (por ele provocada), acumule insucessos, tenha algum problema na vida pessoal ou não consiga uma posição social, ou contraia alguma dívida e tenha problemas financeiros, isso é culpa de suas más escolhas no decurso de sua existência. Assim, o neoliberalismo opera uma racionalidade que promove uma excessiva autocrítica, resultando, frequentemente, em uma responsabilização de si pelos fracassos.

Este trabalho político de responsabilização está associado a numerosas formas de “privatização” da conduta, já que a vida se apresenta somente como resultado de escolhas individuais. O obeso, o delinquente ou o mau aluno são responsáveis por sua sorte. A doença, o desemprego, a pobreza, o fracasso escolar, a exclusão são vistos como consequência de cálculos errados. A problemática da saúde, da educação, do desemprego e da velhice confluem numa visão contábil do capital que cada indivíduo acumularia ao longo da vida. As dificuldades da existência, a desgraça, a doença e a miséria são fracassos dessa gestão, por falta de previsão, prudência, seguro contra riscos. (DARDAT; LAVAL, 2016, p. 230)

A racionalidade neoliberal coloca o indivíduo a governar-se e conduzir-se com fins de atingir o ápice produtivo dentro de uma matriz institucional-econômica, onde sua “vida é determinada pela genética, responsabilidade pessoal e competição no mercado” (BROWN, 2019a, p. 57).

---

<sup>7</sup> A Felicidade também é capturada pela governamentalidade neoliberal. Segundo Fernandes Júnior (2015; p. 192), “Se considerarmos que a população, na atualidade, pode experimentar distintas relações com essa mesma temporalidade histórica, significa que a imposição da felicidade, como uma questão de ordem, pode não atingir a todos da mesma maneira, pois há distintos processos de subjetivação que se veem na obrigação de serem felizes e afastarem a tristeza cotidiana, apelando para soluções imediatas e rápidas”.

Da mesma forma, o discurso religioso também gera subjetividades na direção da culpabilização do indivíduo. Nosso recorte será o cristianismo, em especial o catolicismo, por entender que ele contém tentáculos na governamentalidade política ocidental (voltaremos a esse ponto). Para iniciar, citaremos um momento da missa, principal celebração da igreja Católica, que se chama Ato Penitencial, onde os fiéis proferem a seguinte frase: *confesso a Deus todo poderoso, e a vós, irmãos e irmãs, que pequei muitas vezes por pensamentos e palavras, atos e omissões, por minha culpa, minha tão grande culpa, e peço à virgem Maria, aos anjos e santos e a vós, irmãos e irmãs, que rogueis por mim a Deus nosso senhor. Senhor, tende piedade de nós. Cristo, tende piedade de nós. Senhor, tende piedade de nós*<sup>8</sup>.

Perceba a profundidade dessas frases que devem ser sempre repetidas pelos frequentadores da igreja. Deus tem que ter piedade das pessoas porque elas são pecadoras, desde o nascimento (pecado original de Eva). Todo ser humano é pecador porque o pecado “é aquilo que separa o homem de Deus” (GAARDER, 2000, p. 149). É importante entender que “o pecado é sobretudo um conceito religioso” (id., p. 149), que liga o indivíduo à culpa, dado que “é comum que os sentimentos de culpa venham após o pecado” (id., p. 167). Trata-se, portanto, de um mal necessário para a condução da conduta do cristão, que deve conduzir-se o tempo todo para não pecar, isto é, para não fazer algumas coisas que foram determinadas ao longo da história, por um grupo de homens, em reuniões denominadas de concílio. No caso de cometer algum deslize, o sujeito-cristão deve confessar todos os seus atos pecaminosos, dos quais é sempre culpado.

Não é exagero dizer isso, uma vez que “é relativamente fácil reconhecer [...] um tipo de moralidade da qual se atribui ao cristianismo a origem, em certos casos o mérito, mais frequentemente a culpa” (FOUCAULT, 2016, p. 16). Também porque “a culpabilização é o principal dispositivo para a elaboração de subjetividades, para a produção de sujeitos no discurso católico e cristão” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 142). Essa posição-sujeito, constituída por uma moral cristã, sai das paredes do templo e se infiltra em todo o tecido social, onde tal moral dita modos de ser e de se comportar, dado que podemos tomar o “cristianismo por regras de vida, artes de se conduzir e de conduzir os outros, técnicas de exame ou de procedimentos de confissão” (FOUCAULT, 2020, p. 451).

---

<sup>8</sup> Esse trecho pode ser encontrado em: [http://www.arquisp.org.br/sites/default/files/folheto\\_povo\\_deus/ano\\_45-b-38-11o-domingo-do-tempo-comum.pdf](http://www.arquisp.org.br/sites/default/files/folheto_povo_deus/ano_45-b-38-11o-domingo-do-tempo-comum.pdf), que trata-se do folheto que é distribuído a todos os fiéis para a celebração da missa.

Sobre as técnicas de exame ou procedimentos de confissão, o fiel católico deve confessar os seus pecados, - além do momento do ato penitencial na missa - regularmente com o padre, momento em que se confessa culpado, diz a verdade (na confissão você tem que dizer até as verdades mais íntimas), se mostra arrependido e espera a absolvição divina, uma vez que, ao confessar, o indivíduo “tinhas de confessar seu pecado (*fatereris*), reconhecer tua consciência (*conscientiam*), fazer penitência de suas faltas (*paenitentiam gerere*)” (id., p. 99), tudo isso com vistas à salvação depois da morte. De forma resumida, “a confissão tem uma força operatória que lhe própria: ela diz, ela mostra, ela expulsa, ela liberta” (id, p. 187). E essa libertação, ou remissão dos pecados, é feita por intermédio de ações determinadas pelo padre, como rezar um rosário, realizar uma novena, doar cestas básicas, entre outras.

A título de curiosidade, em torno de 70% dos alunos e alunas que foram entrevistadas, para a produção do *corpus* de pesquisa, dizem ser da religião cristã, seja na igreja Católica, ou nas igrejas Protestantes ou Evangélicas. Isso quer dizer que foram subjetivados pelas moralidade do cristianismo, embora mesmo aqueles e aquelas que dizem pertencer a outra religião, ou a nenhuma delas, elas e eles são atravessados por essa moral, dado que “a racionalidade moderna enraizou-se, primeiro, no poder pastoral e, posteriormente, na razão de Estado, aliando tecnologias burocráticas e tecnologias pastorais” (GARCIA, 2002, p. 71) e porque “o cristianismo é a filosofia de vida que mais fortemente caracteriza a sociedade ocidental [...]. Assim, conhecer o cristianismo é pré-requisito para compreender a sociedade e a cultura em que vivemos” (GAARDER et. al, 2000, p. 137).

Também é curioso que alguns dos alunos e alunas participantes desta pesquisa disseram que cursaram o Ensino Fundamental numa escola confessional, cujos ensinamentos do cristianismo fazem parte da filosofia dessas instituições de ensino.

#### **4. Considerações Finais**

Os alunos e alunas do *Campus* Urutaí fazem parte do conjunto de indivíduos que são atravessados pelos discursos neoliberal e religioso. Logo, subjetivados por esses eles, se entendem como responsáveis, como culpados, seja pelo insucesso na disciplina de matemática no Ensino Técnico integrado ao Ensino Médio, seja pela não conclusão do curso de Licenciatura em Matemática.

Eles e elas se sentem responsáveis por não conseguir conciliar os estudos com o trabalho e com os problemas e os diversos aspectos de suas vidas pessoais (família, problemas de saúde,

problemas financeiros, etc.). Mesmo sendo evidente a sobrecarga de trabalho e estudo, os discursos que atravessam esses sujeitos operam fazendo com que eles e elas achem que poderiam conseguir o sucesso se eles e elas se esforçassem mais e estudassem mais. Isso se liga ao discurso da resiliência e da meritocracia, onde o indivíduo deve se esforçar mais, se adaptar às adversidades para poder triunfar, já que só depende dele obter a vitória.

Trata-se de uma lógica perversa que retira a responsabilidade da gestão da instituição de ensino, dos servidores, dos professores, do currículo e do Estado, e joga inteiramente para o aluno e aluna. Isso acontece porque parte-se da premissa que as regras do jogo são as mesmas para todos os jogadores, embora, como bem sabemos, as condições de jogo, assim como cada jogador, são diferentes. É necessário que os alunos e as alunas compreendam esse jogo e resistam a esses modos de condução e a esses processos de subjetivação, tirando de si essa culpa pelos processos de exclusão pela matemática, pois, como bem vimos neste texto, o problema é estrutural.

## 5. Agradecimentos

Deixamos nossos agradecimentos ao Instituto Federal Goiano pela concessão do afastamento para a realização da pesquisa. Sem essa licença, o doutorado seria inviável.

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Munis de. A Pastoral do Silêncio: Michel Foucault e a Dialética entre Revelar e Silenciar no discurso Cristão. In: CANDIOTTO, Cesar e SOUZA, Pedro de (organizadores). **Foucault e o Cristianismo**. Coleção Estudos Foucaultianos, 10. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012.

BROWN, Wendy. **Nas Ruínas do Neoliberalismo: A Ascensão da Política Antidemocrática no Ocidente**. Tradução: Mario Mariano A. e Eduardo Altheman C. Santos, SP: Filosófica Politeia, 2019a.

\_\_\_\_\_. O Frankenstein do Neoliberalismo: Liberdade Autoritária nas “Democracias” do Século XXI. In: RAGO, Margareth e PELEGRINI, Mauricio (Orgs.). **Neoliberalismo, Feminismo e Contracundutas: Perspectivas Foucaultianas**. Coleção Entregêneros. São Paulo, SP: Intermeios, 2019b.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal**. Tradução Mariana Echalar. São Paulo, SP: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução MARTINS, Claudia Sant’Anna. São Paulo, SP: Brasiliense, 2005.

FERNANDES JÚNIOR, Antônio. A Felicidade em Práticas Discursivas Contemporâneas. In: SOUSA, Kátia Menezes e PAIXÃO, Humberto Pires da (organizadores). **Dispositivos de Poder/Saber em Michel Foucault: Biopolítica, Corpo e Subjetividade**. São Paulo, SP: Intermeios; Goiânia. GO: UFG, 2015.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a Análise do Discurso em Educação**. Cadernos de pesquisa (Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000300009&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000300009&script=sci_abstract&tlng=pt)), n. 114, p. 197-223, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e Verdade: curso no Collège de France (1980-1981)**. Coleção obras de Michel Foucault. Edição estabelecida por Frédéric Gros sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2017.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade 4: As Confissões da Carne**. Compilação: Frédéric Gros. Tradução: Helaina de Barros Conde Rodrigues, Vera Portocarrero. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2020.

FRANCO, Fábio; CASTRO, Júlio Cesar Lemes de; MANZI, Ronaldo; SAFATLE, Vladimir e AFSHAR, Yasmin. O Sujeito e a Ordem do Mercado: Gênese Teórica do Neoliberalismo. In: SAFATLE, Vladimir; Junior, Nelson da Silva e DUNKER, Christian (Orgs). **Neoliberalismo Como Gestão do Sofrimento Psíquico**. Belo Horizonte, MG: Antêntica, 2021.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor e NOTAKER, Henry. **O Livro das Religiões**. Tradução Isa Mara Lando. Revisão Técnica e Apêndice Antônio Flavio Pierucci. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.

GARCIA, Maria Manuela Alves. **Pedagogias Críticas e Subjetivação: uma Perspectiva Foucaultiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ISSA, Silvia Aparecida Caixeta. **Escola Agrotécnica Federal de Urutaí (1978-1986): a Formação de Mão de Obra Agrícola no Sudeste Goiano**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Uberlândia, 2018.

LAVAL, Chistian. **Foucault, Bourdieu e Questão Neoliberal**. Tradução: Márcia Pereira Cunha e Nilton Ken Ota. São Paulo, SP: Elefante, 2020.

SAMPAIO, Pedro Ivan Moreria De. Indivíduo: Começo, Meio e Fim do Neoliberalismo. In: RAGO, Margareth e PELEGRINI, Mauricio (Orgs.). **Neoliberalismo, Feminismo e Contracundutas: Perspectivas Foucaultianas**. Coleção Entregêneros. São Paulo, SP: Intermeios, 2019.

VEIGA-NETO. **Foucault & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017.